

Recebido em: 09/07/2021

Aprovado em: 28/08/2021

Publicado em: 14/09/2021

EXPERIÊNCIA E TRANSMISSÃO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE WALTER BENJAMIN

EXPERIENCE AND TRANSMISSION IN THE LITERARY PRODUCTION OF WALTER BENJAMIN

Davi Galhardo Oliveira Filho¹
(davi.galhardo@hotmail.com)

Resumo: Após oito décadas de sua morte, a obra de Walter Benjamin (1892-1940) permanece profundamente fértil e debatida em todo o mundo, mas, sobretudo, no Brasil. Presentemente, no entanto, gostaríamos de sublinhar que há ainda uma faceta dela especialmente carente de discussões mais robustas entre nossos pares, a saber, a criação literária propriamente dita do filósofo berlinense. Para levar a pretensão de reflexão filosófica sobre esse nicho ao êxito, visando demonstrar que também ela está prenhe dos aspectos conceituais de sua intenção social e política, investigaremos aqui os pequenos contos: *O anoitecer da viagem* (*Der Reiseabend*, no original) (1932) e *O lenço* (*Das Taschentuch*, em alemão) (1933). Nossa hipótese é, portanto, que, com base nos conceitos de experiência (*Erfahrung*) e transmissão (*Überlieferung*), torna-se possível articular aqui uma aproximação entre as reflexões teórico-sociais e estético-literárias de Walter Benjamin, que permite pensar mais profundamente o alcance e a radicalidade política dessa obra.

Palavras-chave: Experiência. Transmissão. Narração. Filosofia. Literatura.

Abstract: After eight decades since his death, the work of Walter Benjamin (1892-1940) remains deeply fertile and debated around the world, but, above all, in Brazil. At present, however, we would like to underline that there is still a facet of this one that is especially lacking in more robust discussions among our peers, namely, the literary creation itself of the Berlin philosopher. In order to bring the intention of philosophical reflection on this niche to success, with the aim of demonstrating that this too is pregnant with the conceptual aspects of his social and political intention, we will investigate the short stories: *The Dusk of Travel* (*Der Reiseabend*, in the original) (1932) and *The Handkerchief* (*Das Taschentuch*, in German) (1933). Our hypothesis is, therefore, that based on the concepts of experience (*Erfahrung*) and transmission (*Überlieferung*) it is possible to articulate here an approximation between the theoretical-social and aesthetic-literary reflections of Walter Benjamin, which allows us to think more deeply about the scope and the political radicalism of this work.

Keywords: Experience. Transmission. Narration. Philosophy. Literature.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0697776124558320>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0736-5729>.

1 INTRODUÇÃO

Após oito décadas de sua morte, a obra de Walter Benjamin (1892-1940) permanece profundamente fértil em todo o mundo, mas, sobretudo, no Brasil. Da filosofia ao cinema, da crítica literária à teoria da tradução, passando ainda pela sociologia da arte e pela fotografia, esse filósofo nascido em Berlim tem sido cada vez mais discutido e revisitado, dentro e fora das nossas universidades. Todos os anos surgem novas monografias, dissertações, teses, artigos, ensaios, cursos, palestras, oficinas, minicursos e outras atividades envolvendo o seu pensamento e o seu legado político.

Em 2006, a versão estendida da tese de doutoramento de Gunter Karl Pressler – *Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005*² – fez um importante balanço sobre o estado da arte dos debates benjaminianos em nosso país. Nessa altura, a expectativa pela publicação da tradução para a língua portuguesa do inconcluso livro sobre as *Passagens (Das Passagen-Werk)*³ de Paris acenava para um novo horizonte a partir do qual as pesquisas em torno desse autor poderiam se balizar.

Embora esse anúncio tenha se concretizado, alargando o esboço benjaminiano nacional – já que novos estudos se dedicaram à investigação da importância das *Passagens* para o projeto construtivista⁴ do filósofo berlinense⁵ –, há muito a ser feito em torno dessa obra. O que restou dos escritos de Benjamin, como sabemos, soma sete volumes com numerosas páginas a serem (re)descobertas e (re)discutidas⁶. Presentemente, gostaríamos de sublinhar, portanto, que existe um nicho especialmente carente de discussões mais robustas entre nossos pares, a saber, a criação literária propriamente dita de Walter Benjamin. Com a publicação recente do volume *O contador de histórias e outros textos* (São Paulo: Hedra, 2020)⁷ essa possibilidade investigativa se mostra mais viável ao público de língua portuguesa.

² PRESSLER, Gunter Karl. *Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005* – um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira. São Paulo: Annablume, 2006.

³ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. 2. Ed. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018a.

⁴ Em uma carta enviada a Gretel Adorno, datada de 07.05.1940, Benjamin, refletindo sobre o seu testamento filosófico, indica que seu trabalho tem como fio condutor o princípio construtivista (BENJAMIN, 2016, p. 171).

⁵ Cf. AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. *A teoria da sociedade capitalista nas passagens de Walter Benjamin: as teses de 1940 e as lutas de classes do século XIX*. São Paulo. 61 f. Programa de Pós-Doutoramento em Filosofia. Relatório (Pós-Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften I-VII*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

⁷ Trata-se, em verdade, de uma reedição, sem alterações significativas, do livro publicado por essa mesma editora. Ver BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. Trad. Patrícia Lavelle et ali. São Paulo: Hedra, 2018b.

Esse artigo pretende ser, portanto, uma modesta contribuição a essa nova frente de recepção da obra benjaminiana, ainda em vias de consolidação em nosso país. Para levar essa pretensão ao êxito, investigaremos aqui os pequenos contos: *O anoitecer da viagem* (*Der Reiseabend*, no original) (1932) e *O lenço* (*Das Taschentuch*, em alemão) (1933), em cotejamento com sua filosofia social e política. A escolha por esses escritos justifica-se pelo fato de entendermos que nessas ficções encontram-se idênticos aspectos teórico-conceituais melhor desenvolvidos em outras oportunidades posteriores.

Essa reflexão filosófica, parece-nos, torna-se possível pelo fato de este filósofo berlinense mover-se sob o viés metodológico do desvio da cultura, que deve ser atualizada para as demandas do presente, em sua empreitada construtivista⁸. A autorização para isso se dá pelo fato de que, desde seus primeiros escritos, “método é caminho indireto, é desvio” (BENJAMIN, 1984, p. 50). De igual modo, ele assinala na maturidade que “o que são desvios para outros, são para mim os dados que determinam a minha rota” (BENJAMIN, 2018a, p. 759).

Nossa hipótese é, portanto, que com base nos conceitos de experiência (*Erfahrung*) e transmissão (*Überlieferung*) torna-se possível articular aqui uma aproximação entre as reflexões teóricas-sociais e estético-literárias de Walter Benjamin, que permite pensar mais profundamente o alcance e a radicalidade política da obra deste autor.

2 DISSOLUÇÃO DO SEDENTARISMO NO ESPAÇO DA HISTÓRIA⁹

Em seu famoso ensaio *Der Erzähler. Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows* (1936)¹⁰, Walter Benjamin observa, em termos quase financeiros, que “a experiência caiu na cotação. E a impressão é de que prosseguirá na queda interminável” (BENJAMIN, 1980, p. 57)¹¹. Esse mesmo tom argumentativo, aparentemente trágico, sobre a queda da “experiência” (*Erfahrung*) e, por conseguinte, sobre a quase impossibilidade de sua continuidade, isto é, de

⁸ Referindo-se às teses *Sobre o conceito de história* (1940), Benjamin chama nossa “atenção especialmente para a reflexão XVII, porque é aí que se poderão reconhecer ligações, escondidas mas esclarecedoras, destas considerações com os trabalhos que tenho escrito até aqui (...). Tenho a impressão de que o problema da lembrança (e do esquecimento), que nelas se coloca a um outro nível, me ocupará ainda por muito tempo”. Carta a Gretel Adorno, 07.05.1940 (In: BENJAMIN, 2016, p. 169).

⁹ Trata-se de pensar essa dissolução enquanto “despertar histórico”, tal como Benjamin pensava o surrealismo. Ver *Passagens*, Hº 17 (BENJAMIN, 2018a, p. 1399).

¹⁰ Traduzido como “O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov” por Modesto Carone (BENJAMIN, 1980). Traduzido como “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” por Sérgio Paulo Rouanet (BENJAMIN, 2012). Traduzido como “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov” por João Barrento (BENJAMIN, 2018b). Traduzido como “O contador de histórias: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” por Patrícia Lavelle (BENJAMIN, 2020).

¹¹ Cotejaremos aqui todas as traduções disponíveis em língua portuguesa.

sua transmissão, será recorrente na maior parte da obra do filósofo berlinense. Essa constatação inclui, para nós, a sua produção literária.

Certamente, essa observação ambígua abre espaço para que o trabalho do filósofo berlinense seja interpretado, equivocadamente, parece-nos, como algo “melancolicamente” (KONDER, 1999, p. 119) engendrado. No entanto, se voltarmos com mais cuidado as nossas atenções para o que nos diz o próprio Benjamin em outras oportunidades, chegaremos a uma interpretação mais expansiva e fidedigna sobre o alcance e significado do problema da experiência.

Os arquétipos da narração são o camponês sedentário e o marinheiro viajante. Essas duas personagens históricas remontam ao ideal de homem grego, ao condensarem possibilidades distintas de aquisição de conhecimento, isto é, de “experiência autêntica” (BENJAMIN, 2016, p. 137)¹². Modernamente, é claro, elas se entrecruzam e produzem narrativas compenetradas, em virtude da “unificação” do mundo pela ação revolucionária da burguesia.

Podemos pensar, por hipótese, que Benjamin tem inicialmente sob os olhos a figura descrita por Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias* (*Erga kai Heméra*), quando trata do camponês sedentário em seus escritos sociais e literários. Como bem lembra a tradutora Mary de Camargo Neves Lafer, nesse poema seminal, “Hesíodo fala de seu próprio trabalho, o de agricultor, e dirige-se a um público bem determinado que se compõe de seu irmão, de pequenos agricultores [...] [e] poucos poderosos fundiários” (HESÍODO, 2006, p. 14).

Na abertura d’*Os trabalhos e os dias*, Hesíodo recorre, como de costume, às Musas, filhas de Zeus, para comunicar, isto é, rememorar (*Mnemosyne*, em grego) a justiça divina que orienta a condição humana. De fato, é possível ver em Hesíodo o quão prazeroso é ouvir “o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 2012, p. 214). Nessa junção, nota-se ainda que “o trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é” (HESÍODO, 2006, p. 43), já que é através da atividade laboral cotidiana que se tece também a própria existência. Destarte, vê-se que não é apenas prazeroso tratar desses assuntos: é, antes de tudo, absolutamente necessário, tendo em vista que eles fundamentam a vida humana, pelo menos a do homem do campo.

Nesse mesmo horizonte filosófico, um pouco antes do ensaio sobre Leskov, veio a lume o pequeno conto *O anoitecer da viagem* (1932). Nessa oportunidade, Benjamin retrata

¹² Uma boa caracterização desse ideal pode ser expressa nos seguintes termos: “Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventuroso e no entanto próprio. O mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas” (LUKÁCS, 2000, p. 25).

justamente uma comunidade que carrega traços pré-modernos, ou melhor, tipicamente arcaicos, a saber, a Ibiza dos anos 1930. Essa pequena localidade contrasta drasticamente com a cidade grande das *Passagens* de Paris, aquele “mundo em miniatura” (BENJAMIN, 2018a, p. 54), naquela altura o palco por excelência da vida moderna e da circulação de mercadorias. Em seus próprios termos, devia-se caracterizar então a ínsula espanhola do seguinte modo:

A economia na ilha é arcaica. Eles não colhem os cereais com máquinas, mas com foices. Em algumas regiões, as mulheres os recolhem à mão e aí não resta um colmo sequer. Depois de colhido, eles são levados à eira, onde um cavalo, arreado e tangido pelo camponês, que fica parado no meio do lugar, debulha os grãos das vagens, pisando com seus cascos. Há sessenta anos ainda não se conhecia pão ali; o principal alimento era o milho. E ainda hoje se irriga os campos à maneira antiga, com rodas d’água que são movidas por mulas. Vacas, há apenas um punhado delas na ilha (BENJAMIN, 2020, p. 75).

A princípio, a manufatura domina a cena e o modo de vida inerente a essa lhe faz total coro. O sabor da passagem do tempo, a satisfação pela totalidade vivida, a subsistência aprendida junto às gerações precedentes, estão aqui na ordem do dia. Todavia, em uma nota de grande valor, os editores da edição brasileira desse penetrante conto de Benjamin pontuam com clareza ainda maior o contexto em que ele foi forjado. Vejamos:

Um primeiro esboço deste conto encontra-se no conjunto de notas *Espanha 1932* sob o seguinte título: “Sobre a honestidade dos nativos e seu contrário. Duas histórias”. A outra história planejada não chegou a ser escrita ou se perdeu. O presente texto foi redigido, provavelmente, no mesmo ano. Quanto ao conjunto referido de notas, Benjamin o escreveu em sua viagem de abril a julho de 1932, quando foi de Hamburgo a Barcelona em um navio cargueiro. O trajeto foi percorrido em onze dias, durante os quais fez amizade com o capitão. Depois, em um navio a vapor do correio, seguiu para Ibiza, onde ficou por três meses (BENJAMIN, 2020, p. 75).

Passar férias em Ibiza durante três meses pode parecer algo surreal para a maior parte da população mundial nos dias de hoje, em virtude da “proletarização do mundo” (DEBORD, 2015, p. 15)¹³. Todavia, essa ilha só se tornou um lugar para turistas privilegiados, tal como a conhecemos, a partir dos anos 1960. Antes, no entanto, caracterizava-se como um verdadeiro refúgio para quem se encontrava sob a insígnia da crise econômica do capital, especialmente na sua terrível versão alemã, como era o caso de Walter Benjamin.

¹³ Tradução nossa. No original lê-se: “prolétarisation du monde”.

Talvez a melhor expressão desse contexto, profundamente motivador, se encontre na “viagem pela inflação alemã” que é empreendida pelo filósofo berlinense em seu “bazar filosófico”, *Rua de mão única (Einbahnstraße)*, livro publicado em 1928. Nesse trabalho, ele escreve:

[...] no glossário de expressões que diariamente põem em evidência o modo de ser do burguês alemão, feito de um cruzamento de estupidez e covardia, aquela que fala da catástrofe iminente – ao dizer que ‘as coisas não podem continuar assim’ – dá particularmente que pensar. A desesperada fixação nas ideias da segurança e da posse, que dominaram as décadas passadas, impedem o homem comum de se aperceber das extraordinárias formas de estabilidade, absolutamente novas, que estão na base da atual situação (BENJAMIN, 2017, pp. 17-18).

Na contramão dessa *Rua de mão única* é que Benjamin dirige-se para a Ibiza dos anos 1930. Nesse lugar que é (quase) um paraíso perdido, supostamente imaculado pela marcha da mercadoria, ele consegue sobreviver à turbulência e, melhor ainda, com menos recursos financeiros do que na cidade grande. “Pouco ou nada sabia Benjamin dessa ilha quando decidiu realizar a viagem, mas a improvisação determinava muito de seus passos, e isso tinha a ver com sua situação econômica incerta” (VALERO, 2008, p. 14)¹⁴.

Importa notar, no entanto, que as personagens que desfilam n’*O anoitecer da viagem* carregam consigo a total ambiguidade que caracteriza a modernidade, essa época em que “tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43). Dom Rosello, deputado e negociante vinícola, representa ali o progresso. É ele quem narra, dentro da história inicial, uma situação que dá muito a pensar para nós.

Após alguns meses de excelente estadia na ilha de Ibiza, um estrangeiro vê chegada a hora da sua tão adiada partida. Para gozar da plenitude de seus últimos momentos nesse lugar tão hospitaleiro, ele resolve despachar ao navio as suas malas e o seu casaco, pondo-se a beber com o dono de uma taberna (*tienda*). Esse último é uma autoridade sobre a crônica ibicense e, por isso mesmo, narra com disposição tudo o que lhe é solicitado pelo estranho. Chegada a hora de pagar a conta, uma vez que o navio já apitava para partir¹⁵, o forasteiro percebe que

¹⁴ Tradução nossa. No original lê-se: “poco o nada sabía Benjamin de esta isla cuando decidió realizar el viaje, pero la improvisación determinaba muchos de sus pasos, y ésta tenía que ver a menudo con su cambiante situación económica”.

¹⁵ Curioso notar que esse mesmo incidente, o atraso na hora de partir devido ao ambiente agradável, foi vivenciado pelo próprio Walter Benjamin quando de sua estada em Ibiza. Numa carta endereçada ao seu amigo Gershom Scholem, datada de 26.07.1932, ele escreve: “minha permanência ali prolongou-se uma semana além do prazo por mim previsto. Chegou a haver uma festa, certamente improvisada, marcada pelo

sua carteira desapareceu. Pensa em suspeitar do taberneiro, mas logo desiste quando este lhe perdoa o débito. Desse modo, o pior se verifica quando o protagonista finalmente embarca na navegação:

O casaco está vazio, e ele agora sabe o que pensar da louvada honradez dos moradores da ilha. Diante da alternativa de suspeitar do dono da taberna ou do marinheiro que cuidou de suas coisas, ele se decide, durante a noite insone em sua cabine, pela última alternativa. Mas se enganou. Foi o dono da taberna que pegou o dinheiro. Mal chegou em casa, recebe a prova disso na feição do seguinte telegrama: “Dinheiro na jaqueta que o senhor usou quando esteve aqui. Instruções seguem” (BENJAMIN, 2020, p. 79).

Dom Rosello finda a narrativa provocando uma reflexão que contesta a visão romântica sobre a suposta honestidade dos ibicenses. Adverte-se, portanto, que os postulados rousseauianos sobre a bondade da natureza humana¹⁶ não podem ser encontrados ali. Ao contrário, a justificativa para esse quadro encontra-se na compreensão de que “a nossa gente..., ela agora já andou tanto pelo vasto mundo. E acabou aprendendo a diferenciar entre o bem e o mal” (BENJAMIN, 2020, p. 79).

Assim, podemos pensar que o camponês sedentário foi dissolvido pela sociedade burguesa, já que ela “fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; (...) despojou de sua auréola todas as atividades até então pautadas como dignas e encaradas com piedoso respeito” (MARX; ENGELS, 2010, p. 44). De forma mais específica, a burguesia fez do camponês, “do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio seus servidores” (MARX; ENGELS, 2010, p. 44), objetiva e subjetivamente.

Frente ao exposto, é inútil pensar Benjamin como “um romântico adversário do conservadorismo, um nostálgico do passado que sonha com o futuro” (LÖWY, 2019, p. 137)¹⁷. Ao contrário, o filósofo berlinense revoluciona, em sua tese filosófico-literária, justamente ao propor que “o contato com o mundo incentiva a moralidade” (BENJAMIN, 2020, p. 79).

entusiasmo não tanto das figuras do repertório que já lhe são conhecidas, mas sim de dois franceses que tornaram a aparecer por aqui – trata-se de um casal [Jean Selz e sua esposa] – por quem senti muita simpatia [...] e essa convivência até a meia-noite do dia 17 de julho – horário de partida do meu barco a Mallorca – foi de tal forma absorvente, que já haviam retirado a escada do navio e este já se colocara em movimento, quando por fim chegamos ao cais. Quanto à minha bagagem, já se encontrava a bordo” (BENJAMIN; SCHOLEM, 1993, p. 25). Conceitualmente, isso nos permite pensar que as experiências vivenciadas pelo filósofo berlinense são transmitidas para o interior de sua produção literária e servem-lhe como combustível, assim como acontece em sua *Infância berlinense: 1900* (BENJAMIN, 2017). Nesse enlace, fundamentamos a nossa tese de pensar a obra de Benjamin, numa aproximação a Debord (2015), enquanto desvio consciente da cultura passada, caduca, empoeirada e, por isso mesmo, passível de ser atualizada para as necessidades contemporâneas.

¹⁶ Cf. Rousseau (2011).

¹⁷ Tradução nossa. No original lê-se: “un romantique adversaire du conservatisme, un nostalgique du passé qui rêve de l’avenir”.

Desse modo, torna-se evidente que a comunicação comum, isto é, a crítica negativa capaz de engendrar o novo, deve ser construída no presente e com vistas a ele.

Portanto, por mais que a sociedade moderna expanda seus tentáculos para os quatro cantos do mundo, é possível desenvolver, através da negação da negação, uma outra existência histórica. Aprender a não confiar tanto nesse mundo realmente invertido: esse é o principal conselho que se pode extrair da experiência transmitida pelo sedentário que se dissolveu no espaço da história, mas que resolveu devolver o dinheiro – por intermédio do primeiro telegrama que enviou na vida – ao ingênuo turista. Apesar dos pesares, a cultura é essencial para a vida humana, é isso que nos faz refletir a narrativa de Benjamin.

3 O MARUJO QUE NAVEGA PELA MODERNIDADE

Em 1933, Benjamin publica um importante texto intitulado *Erfahrung und Armut*¹⁸. Neste trabalho, que retoma e amplia algumas das concepções psicanalíticas sobre o trauma¹⁹, o filósofo berlinense se propõe a pensar sobre a viagem que é totalmente desprovida de produção de sabedoria: a guerra em escala mundial. Suprassumindo a questão, no entanto, ele observa que, embora o conflito armado entre muitas nações seja necessariamente o ápice da produção de pobreza de experiências, esse quadro já se apresenta generalizado na moderna sociedade. De fato, no alvorecer do século passado, “uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens” (BENJAMIN, 2012, p. 124).

No mesmo sentido, é essencial notar que no ensaio sobre Leskov, o filósofo berlinense argumenta que “Mnemosyne, a que rememora (*die Erinnernde*), era para os gregos a musa da poesia épica” (BENJAMIN, 2012, p. 227). Ora, a franca possibilidade de lembrar exemplarmente significa, aqui, guardar informações, histórias e/ou narrativas com o objetivo de poder transmiti-las aos pares e à posteridade, numa comunicação comum. Essa proposição extremamente produtiva, de saída, nos faz penetrar no âmbito da oralidade, já que é de boca em boca que essas memórias/ensinamentos/conselhos se realizam melhor. Nesse universo, Homero ocupa a mais destacada função²⁰. Em nossa hipótese, portanto, se Hesíodo é o pai do

¹⁸ Traduzido como “Experiência e pobreza” por Sérgio Paulo Rouanet (BENJAMIN, 2012).

¹⁹ Ver FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer e outros textos”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas vol. XIV*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

²⁰ Esse horizonte de reflexão, é o mesmo que encontramos em Marx e Engels (1976) e no já citado Lukács(2000).

arquétipo do camponês sedentário, Homero é o do marinheiro viajante, que absorve o conhecimento do grande mundo e deseja transmiti-lo a outrem.

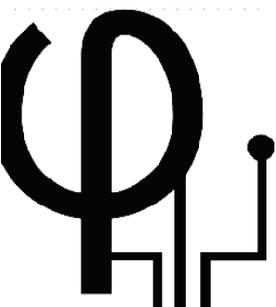
Entre os dois trabalhos seminais desse poeta tido como o grande educador do povo grego, *Iliada* e *Odisseia*, é nas peripécias vividas por Ulisses que encontraremos a figura do marujo que acumula sapiência. Desde as primeiras palavras da *Odisseia*, elucida-se o ambiente de descobertas que ali se desenvolverá. Homero adverte que conheceremos “as aventuras do herói engenhoso, que, após saquear a sagrada fortaleza de Tróia, errou por tantíssimos lugares vendo as cidades e conhecendo o pensamento de tantos povos e, no mar, sofreu tantas angústias” (HOMERO, 1997, p. 09). Essa ótica nos permite entender, portanto, que “a *Odisseia*, é o relato exemplar de uma longa viagem cheia de provações e descobertas, da qual o herói sai mais rico em experiências e histórias e, portanto, mais sábio” (GAGNEBIN, 2019, p. 220).

Embora Benjamin desenvolva uma reflexão, no texto sobre Leskov, que parece demonstrar uma certa dificuldade para encontrarmos herdeiros autênticos desse arquétipo em nosso tempo, o fato é que essa personagem milenar é desviada para a modernidade no pequeno conto *O lenço* (1933).

Pensar essa relação de forma mais detida e cuidadosa mostra-se extremamente necessário e fértil para nós. Esse esforço torna-se possível se encarado sob o viés de um “encontro secreto” que está “marcado entre as gerações passadas e a nossa” (BENJAMIN, 2005, p. 48). Trata-se, portanto, de refletir sobre a permanência de alguns aspectos da figura do marinheiro, isto é, de uma permanência do passado no presente, numa simbiose temporal que se realiza na contemporaneidade. Se preferirmos as palavras de Giorgio Agamben, esse quadro pode ser delineado do seguinte modo:

[...] é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo [...]. A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias [...]. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, pp. 58-59).

Como visto, o passado marca profundamente o presente, pelo menos para aqueles que sabem vê-lo com astúcia dialética. Por isso mesmo, o ponto de partida dessa reflexão, no conto *O lenço*, encontra-se na questão: “por que a arte de contar histórias está chegando



ao fim?” (BENJAMIN, 2020, p. 61). Essa pergunta, como bem lembra Valero (2017), encontra-se no horizonte do filósofo berlinense pelo menos desde 1929. De maneira bastante direta, podemos dizer que ela é enfrentada frontalmente por Benjamin em *Ibiza*. Para tanto, a curta ficção em questão, *O lenço*, enfoca o “Capitão O...”, uma figura que frequentemente se entediava em suas incontáveis viagens pelos mares.

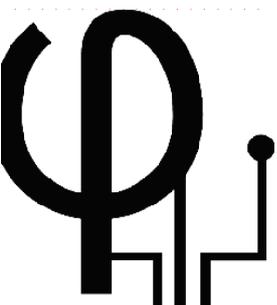
Para entendermos essa escolha, impende sustentarmos a compreensão, como diz Benjamin, de que “o tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” e que “o menor sussurro das folhagens o assusta” – é desse modo que se justifica que “seus ninhos [...] já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Certamente, é a partir da hipotética observação da rotina do Capitão O... que Benjamin conclui que “quem jamais se entedia não é capaz de contar. O tédio, porém, não tem mais espaço em nosso agir. As atividades, que se uniram a ele secreta e intimamente, estão se extinguindo” (BENJAMIN, 2020, p. 61). Aqui, a tese do filósofo berlinense é que o ofício da transmissão de experiências está intimamente relacionado com a fabricação concreta de objetos, isto é, com o mundo do trabalho.

A sociedade que produz o arquétipo do marujo viajante, o mundo grego, assentava-se na escravatura e na fabricação de um tempo cíclico, em que todas as etapas da produção da vida material são bem compreendidas e desenvolvidas – mesmo que a totalidade em si, a sociedade, não seja. Assim, tecer, plantar, fiar, colher, aplainar são atividades fundamentalmente ligadas à manufatura e são acompanhadas de formas de expressão comunicativa muito particulares, cujo ritmo é equivalente. A aristocracia, liberada desse processo penoso, pode sair para desbravar o mundo e transmitir aos demais, narrando exemplarmente, aquilo que foi vivido.

Ao contrário, na época moderna, a produção acelerada e ininterrupta de mercadorias não deixa espaço para outras atividades humanas, nem mesmo para o simples diálogo entre parceiros de ofício. Friedrich Engels apresenta bem a brutal discrepância humanitária do proletariado inglês, na emergência da era burguesa, em comparação com seus antepassados gregos. Nesse contexto, até o mais banal dos prazeres, o sabor de um bom prato de comida, se vê comprometido. Aqui “a comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos – pelo menos em certos períodos – insuficiente e, no limite, há mortes por fome” (ENGELS, 2010, p. 318). Disso se justifica o fato de que algumas pessoas preferiam ir para a prisão estatal e, em muitos casos, se esforçavam para isso. Uma refeição e algum descanso, paradoxalmente, valiam mais a pena do que o livre trânsito.

As necessidades materiais e o desenvolvimento das forças produtivas metamorfosearam drasticamente as coisas. Esse quadro explica a proposição de que, em



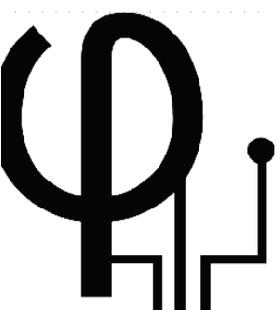
comparação com o navio “Bellver” da curta ficção de Benjamin, também a vida do Capitão O... é pobre de experiências. No entanto, esse comandante carrega consigo um trunfo que havia herdado de seus antepassados: um cachimbo.

O cachimbo tinha uma piteira de âmbar, mas sua cabeça era de chifre e adornada com pesados trabalhos em prata. Ele o herdara do avô, e acredito que esse cachimbo era o talismã do contador de histórias. Pois também por causa disso não há mais nada interessante a ouvir, porque as coisas não duram mais do modo correto. Quem um dia usou um cinto de couro por tanto tempo até ele se desintegrar em pedaços, sempre haverá de encontrar algo interessante: em algum momento, no decorrer do tempo, uma história seprende a ele. O cachimbo do capitão já devia conhecer muitas delas (BENJAMIN, 2020, pp. 62-63).

É de posse desse amuleto atravessado de experiências, já que foi herdado de seus antepassados, que se processa uma narrativa ímpar, a história central d’*O lenço*. Em linhas gerais, o conto apresenta inicialmente uma bela mulher, que viajara certa vez com o Capitão, que deixou cair seu pequeno pedaço de pano de uso particular, que foi apanhado por ele. “Seu emblema me impressionou: um brasão tripartido com três estrelas em cada um dos campos, ouvi-a dizer seu ‘obrigada’ com uma expressão que era como se eu tivesse salvo sua vida” (BENJAMIN, 2020, p. 65). Para a bela forasteira, parecia haver algo de especial nesse objeto aparentemente banal, todavia, também prenhe de memórias e sentimentos quase intraduzíveis.

No próximo meio-dia, porém, algo muito pior acontece. A mulher vê a sua vida ser colocada em risco quando acidentalmente se precipita ao mar. Pela riqueza de detalhes e pela sua importância para o nosso próprio raciocínio pretendido, vale transcrever o trecho seguinte na íntegra, posto que ele é fundamental para nosso esforço conceitual. Vejamos então:

O navio estava a ponto de ancorar e, vagorosamente, a quilha se aproximava do cais no qual havíamos amarrado a popa. Reconhecia-se com nitidez a feição dos que esperavam; febril, a estranha os media. O baixar das âncoras havia ocupado minha atenção quando, de uma hora para outra, se ergueu um grito em várias vozes. Eu me virei e no mesmo instante vi que a estranha havia desaparecido; no movimento da multidão se podia perceber que ela havia se precipitado abaixo. Qualquer tentativa de salvação era inútil. Mesmo que se conseguisse desligar as máquinas naquele mesmo instante — o casco do navio não estava mais do que três metros distante do cais, e seu movimento era impossível de ser detido. Quem ficasse no meio, estava perdido. Então aconteceu o improvável: houve alguém que fez a tentativa formidável. Era possível vê-lo, cada um dos músculos distendidos, as sobancelhas virando uma só, como se quisesse fazer mira, saltar da grade e, enquanto o vapor foi se aproximando em todo seu comprimento a estibordo — para horror de todos os que acompanhavam o espetáculo —, a bombordo apareceu, sem que a princípio se notasse, pois ninguém olhava para aquele



lado, o homem, salvo, e em seu braço a moça, na superfície da água. Ele de fato fizera mira — exatamente, aproveitando todo seu peso e se precipitando sobre a outra, arrancando-a consigo para as profundezas, para em seguida reaparecer por baixo da quilha do navio —, trazendo-a para a superfície. ‘Quando a segurei assim’, disse ele mais tarde a mim, ‘ela sussurrou ‘obrigada’ como se eu tivesse lhe estendido um lenço que caíra ao chão’ (BENJAMIN, 2020, p. 66).

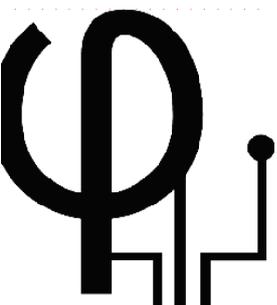
Frente ao exposto, podemos propor que, embora o autêntico narrador tenha desaparecido com a derrocada das sociedades baseadas na oralidade, seus germes permanecem vivos. Um cinto, um navio, um cachimbo, um lenço, podem carregar consigo histórias capazes de auxiliar na navegação dos marujos lançados ao mar da modernidade. Eles podem servir como bússolas, capazes de oferecer alguma orientação, uma “fraca força messiânica” (BENJAMIN, 2005, p. 48), para aqueles que ainda querem dialogar concretamente nesse mundo que nos contém.

No desvio consciente desses elementos, para crítica negativa do presente, evita-se que os fragmentos do passado, outros “bens culturais”, tornem-se presas, “como sempre de costume [...] conduzida[s] no cortejo triunfante” (BENJAMIN, 2005, p. 70) dos vencedores. Encontra-se, portanto, nessa astúcia dialética a possibilidade de postergar o desaparecimento do mundo e, talvez, plantar novamente as sementes, mesmo as malogradas, do que ele pode vir a ser. Se preferirmos as palavras de um importante indígena brasileiro, isso tudo significa dizer que:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019, p. 13).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço de reflexão objetivou demonstrar que também a produção literária de Walter Benjamin se encontra prenhe dos conceitos filosóficos que fundamentam sua obra teórico-social. Esse fato demonstra, parece-nos, que passadas oito décadas de sua



morte, os escritos de Benjamin seguem como fontes inesgotáveis para a compreensão e intervenção hodierna.

Na hipótese presentemente sustentada, no entanto, isso só se torna possível se o trabalho desse autor for inserido na “tradição insurrecional” que trata a relação entre política e estética como algo indissociável. É assim que, por exemplo, pela reviravolta do que está dado, o novo pode vingar, aquilo que estava malogrado pode ser redimido. Desse modo, Benjamin parece fazer coro à tese que propõe que “transformar o mundo, disse Marx. Mudar a vida, disse Rimbaud. Essas duas palavras de ordem são para nós uma mesma e única” (BRETON, 2011, p. 46)²¹.

Para operar sob essa lógica de entendimento, optamos por pensar o trabalho desse filósofo nascido em Berlim como algo fundamentalmente atravessado pelo desvio da cultura, isto é, pela atualização de elementos caducos do passado no momento de sua crise e, por isso mesmo, aptos a serem plenamente maleáveis por mãos históricas mais hábeis.

Como vimos, para Benjamin, “a obra do passado não está nem consumada nem fechada” (BENJAMIN, 2016, p. 133). Por isso mesmo, o tratamento que ele dá aos destroços, farrapos e fósseis culturais que chegam às suas mãos é o da reciclagem, da remodelagem, da remontagem, em uma palavra, do desvio. “As citações são no meu trabalho”, diz ele, “como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passeante a convicção” (BENJAMIN, 1987, p. 61). Nesse esforço, é possível trazer à contemporaneidade os problemas do passado, no intuito de dar-lhes um outro sentido e salvar-lhes da barbárie que constantemente tem balizado a história.

Portanto, essa singela contribuição tem o intuito de chamar a atenção para a riqueza das obras ficcionais desse filósofo berlinense, posto que também no seu interior é possível localizar elementos que são característicos de sua reflexão, em toda sua radicalidade política.

²¹ Tradução nossa. No original lê-se: “transformer le monde, a dit Marx. Changer la vie, a dit Rimbaud. Ces deux mots d'ordre pour nous n'en font qu'un”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. *A teoria da sociedade capitalista nas passagens de Walter Benjamin: as teses de 1940 e as lutas de classes do século XIX*. São Paulo. 61 f. Programa de Pós-Doutoramento em Filosofia. Relatório (Pós-Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter; ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. Trad. Modesto Carone et ali. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 57-74.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften I-VII*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin, aviso de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. Trad. Jeanne-Marie Gagnebin. Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 8. Ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. 2. Ed. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única - infância berlinense: 1900*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. 2. Ed. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018a.
- BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. Trad. Patrícia Lavelle et ali. São Paulo: Hedra, 2018b.
- BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Trad. Patrícia Lavelle et ali. São Paulo: Hedra, 2020.
- BENJAMIN, Walter. SCHOLEM, Gershom. *Correspondência (1933-1940)*. Trad. Neusa Soliz. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BRETON, André. *Position politique du surréalisme*. Paris: Livre de Poche, 2011.
- DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris: Gallimard, 2015.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. 3. Ed. Trad. B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer e outros textos”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas vol. XIV*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 6. Ed. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LÖWY, Michael. *La révolution est le frein d'urgence*. Paris: Éditions de l'Éclat, 2019.

- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Seleção de escritos sobre literatura e arte*. Trad. Eduardo Saló. Lisboa: A comuna, 1976.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- PRESSLER, Gunter Karl. *Benjamin, Brasil: a recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005 – um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Paris: Editions Flammarion, 2011.
- VALERO, Vicente. Introdução. In: BENJAMIN, Walter. *Cartas de la época de Ibiza*. Valencia: Pre-Textos, 2008.
- VALERO, Vicente. *Experiencia y pobreza: Walter Benjamin en Ibiza*. Cáceres: Editorial Periférica, 2017.

